

Educação ambiental e foto-dispositivo: experimentando a fotografia como criação de *outros* sentidos sobre uma “população tradicional”.

Gabriele Nigra Salgado

Professora substituta do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC

gabrielesalgado@yahoo.com.br

Resumo:

Educação Ambiental e Estudos Culturais são articulados nesta pesquisa a partir de inspirações em autores considerados pós-modernos. Foi realizada no Parque Municipal da Lagoa do Peri (Florianópolis/SC), com pessoas que habitam a Zona de Paisagem Cultural que é conhecida como Sertão do Peri. Nesse lugar cercado por montanhas, conflitos, “tradições”, “natureza”, mistérios; circulam representações que enquadram seus habitantes dentro de algumas categorias recorrentes as quais busco desnaturalizar, mostrando o caráter social, cultural e histórico de tais invenções. Essas representações dizem respeito à instituição dessa população como “tradicional” e como inserida em um ambiente “natural”, sendo observadas em algumas imagens produzidas tanto pelos moradores como por eu mesma, que fotografei o Sertão durante minhas idas a campo. Outro movimento de escrita, também presente neste estudo, busca pensar com as imagens sem julgá-las, percorrendo o silêncio, o inaudito, o não representável a partir das composições imagéticas a serem observadas sob a latente pergunta: que Ser-tão outro lhe soa ao entrar em contato com estas imagens?

Palavras - Chave: Educação Ambiental, Fotografia, Dispositivo

Abstract:

Environmental Education and Cultural Studies are articulated in this research based on inspiration from authors considered postmodern. It was realized at the Parque Municipal da Lagoa do Peri (Florianópolis / SC), who inhabit the Cultural Landscape Zone that is known as the Sertão do Peri. In this place surrounded by mountains, conflicts, "traditions," "nature," mysteries; circulating representations that its inhabitants fall within certain categories which applicants seek denaturing, showing the social, cultural and history of these inventions. These representations relate to the institution of this population as "traditional" and inserted as a "natural" environment. This represented the applicant can be seen in some photographs produced by the residents as much for myself, that photographed the Sertão during my field trips. Another movement of writing, also present in this study, is the one who thinks the images without judging them, covering, instead, the silence, the unheard, and the unrepresentable. These elements appear from the visual compositions observed from the following question: what otherness you listen to when in contact with these images?

Keywords: Environmental Education; Photograph; Dispositive

Introdução

Agricultores, rendeiras, artesãos, humildes, ignorantes, isolados, desertados da sociedade moderna, parados no tempo, equilibrados com a natureza, religiosos, folclóricos, mitológicos, “tradicionalistas”... Haveria uma educação ambiental capaz de descolar tais características atribuídas às pessoas definidas por uma política representacional¹ como pertencentes a uma “população tradicional”? Que outros sentidos poderiam ser produzidos por uma educação ambiental que desconstruísse qualquer lugar comum quando da interpretação das vidas e do ambiente onde habitam as “populações tradicionais”? Como uma população tida como “tradicional” representaria a si própria e o ambiente em que vivem por meio de fotografias?

Este relato de pesquisa assume, a partir dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, que não existe uma única *realidade* que possa ser representada como verdadeira, mas tantas *realidades* quantas sejam possíveis de serem enunciadas. Neste sentido, parto do pressuposto de que os modos de ver/ser visto, de dizer/ser dito e de reconhecer/ ser reconhecido em relação a uma determinada ideia do que seja um ambiente protegido legalmente, no caso deste estudo o Parque Municipal da Lagoa do Peri em Florianópolis-SC, e a população que nele habita, tem efeitos sobre aquilo que é possível experimentar em se tratando da educação ambiental.

Ao reconhecer que alguns discursos² não são verdades absolutas, pelo contrário, são da ordem da invenção e concorrem pela sua legitimidade na disputa de poder político presente em nossa sociedade (FOUCAULT, 1999), o objetivo da minha pesquisa de mestrado foi explorar as possibilidades de ampliar as narrativas (escritas e imagéticas) sobre o ambiente da Zona de Paisagem Cultural onde vive a “população tradicional” do referido Parque, uma região conhecida como Sertão do Peri.

Para tanto, em meu caminho investigativo busquei, por meio do que o “Grupo Tecendo – Educação Ambiental e Estudos Culturais” vêm denominando de “educação ambiental como dispositivo”, promover a criação de outros olhares e narrativas pelos próprios moradores e moradoras desta região através do convite de fotografarem o lugar em que vivem e as coisas que nele acontecem.

Considero interessante esclarecer que o intuito de promover outros modos de ver um lugar preenchido com as existências de diferentes sujeitos, como o Sertão do Peri, parte da constatação de que algumas narrativas são tão recorrentes que se tornam “naturalizadas” (vistos como já dados no mundo) e, assim a pesquisa buscou suscitar

¹ Esta política representacional a que me refiro é aquela que participa da investida contemporânea em uma experiência identitária, na qual “é preciso passar por processos de reconhecimento como índio ou quilombola para que se tenha o direito de viver do jeito que se quer [...] Ninguém adere por “conscientização” [...] ela é aceita e incorporada por falta de opção!” (CASTRO, 2006, p. 222).

² Ao longo deste relato utilizarei com frequência a noção de discurso, sendo necessário demarcar que meu entendimento deste conceito está embasado na concepção de Foucault (1999) que o considera como “uma prática que forma os objetos de que fala” apresentando conseqüências teóricas e práticas.

dúvidas sobre tais construções, mostrando o caráter social, cultural e histórico de tais invenções (GUIMARÃES, 2009).

O Sertão do Peri e a população que o habita: hibridações culturais em cena

A região do Sertão do Peri abriga, atualmente, uma população de 53 pessoas³ descendentes de colonizadores açorianos que se fixaram na região a partir de 1761. Alguns moradores mantêm práticas de subsistência – principalmente agrícolas - tidas como “tradicionais” desta cultura, como a produção artesanal de cachaça e farinha de mandioca a partir de engenhos movidos a tração animal e, mais recentemente, por energia elétrica.

Toda área que abrange o Sertão está localizada no interior do Parque Municipal da Lagoa do Peri, uma unidade de conservação de proteção integral que visa, dentre outros objetivos, constituir um benefício social comum através da preservação do patrimônio natural. A região do sertão foi categorizada pelo plano diretor que orienta a implantação do Parque como sendo uma Zona de Paisagem Cultural, que tem por objetivo desenvolver socialmente a população residente e a proteção da paisagem resultante das atividades “tradicionais” na área. Entretanto, algumas limitações de uso e ocupação do solo foram impostas a esta população resultando em um conflito - comum às unidades de conservação do Brasil⁴ - entre moradores e gerência do Parque.

Muitas imagens veiculadas pelos órgãos públicos de gestão do Parque e pelos meios de comunicação marcam esta região com discursos que considero mais legitimados que os de seus habitantes - devido a já referida relação de poder que está em jogo neste embate que envolve populações vivendo em áreas de preservação permanente. Muitas vezes, tais imagens expõem suas existências como “cartões-postais que insistem na política representacional, que participam da investida contemporânea numa experiência identitária⁵” que cristaliza as características culturais desta região como sendo uma “população tradicional” inserida em um ambiente “natural”, o que acaba por desconsiderar o contexto das tantas interconexões culturais que ocorreram e que ainda ocorrem com este grupo de pessoas.

³ De acordo com o cadastro de moradores da FLORAM 1997/1998 (PEREIRA, 2001), na década de 1990 a região do Sertão do Ribeirão possuía 147 habitantes, organizados em 35 famílias com residências fixas ou temporárias. Dados mais recentes, obtidos a partir de uma conversa com a agente de saúde desta região, apontam a existência de 44 residências, sendo 20 residências fixas, 22 temporárias e 02 abandonadas, totalizando um número estimado de 53 moradores fixos e 50 temporários.

⁴ Afirmo serem comuns estes conflitos nas unidades de conservação brasileiras porque esta política de criação de áreas protegidas que se iniciou em meados do século XIX nos Estados Unidos tem como característica marcante a ausência de populações humanas dentro destas áreas, o que entrou em conflito com a realidade de países tropicais cujas florestas eram habitadas por populações indígenas e outras populações que desenvolveram formas de apropriação comunal dos espaços e recursos naturais (DIEGUES, 2004).

⁵ Frase apreendida durante a apresentação do projeto Fabulografias em áfricas-cartões-postais, por Susana Oliveira Dias e Alik Wunder, durante a mesa redonda: Fabulografias, do segundo encontro Conexões Deleuze e Fabulação e..., em 10 de maio de 2010.

Foi pensando na possibilidade de disparar outras imagens possíveis para este lugar e as pessoas que dele fazem parte, que engendrei a seguinte questão que norteou minha pesquisa: *Que imagens seriam produzidas pelos habitantes do Sertão do Peri caso lhes fossem sugerido fotografar o ambiente em que vivem e as coisas que nele acontecem?*

As primeiras idas a campo aconteceram no mês de agosto a novembro de 2009, quando conheci as pessoas que habitam aquele Sertão no qual imergia. Atentava-me à preocupação em não capturar a “realidade mesmo” do lugar por meio das imagens a serem produzidas por mim e pelos próprios moradores, mas, sim, a *atmosfera* deste, suas forças, seus mistérios, suas múltiplas significações e afetividades. Mas nem sempre pensei assim e, por isso, creio ser necessário explicitar outros porquês que me estimularam a convidar estas pessoas a produzirem imagens do lugar em que vivem.

A princípio foi porque eu também os enxergava como uma “população tradicional” na concepção de Diegues⁶, e isso me despertava interesse, pois acreditava que a maneira como estes se relacionavam com o ambiente em que vivem fosse de forma muito peculiar a ponto de proporcionar um benefício⁷ para o ecossistema em que residem e não um prejuízo como enxerga a política de implantação de parques.

Os primeiros habitantes do Sertão do Peri, descendentes dos açorianos, fixaram-se na região a partir de 1761 (BATISTA, 2004). Nesta área percebe-se que há realmente um predomínio das lavouras de subsistência, porém muitas vezes associadas ao cultivo de cana-de-açúcar para produção de aguardente e alimentação do gado (PEREIRA, 2001), além da presença de lavouras de mandioca e aipim associadas à fabricação artesanal de farinha (BATISTA, 2004). Essas atividades são feitas muitas vezes de maneira artesanal e esporádica, apesar da grande influência do meio urbano, uma vez que muitos moradores trabalham em outras localidades.

Assim, imaginei que seria interessante investigar como estes modos de vida tidos como “tradicionais” eram narrados por meio de fotografias. Com o tempo, a partir de observações a campo e do contato com trabalhos que foram realizados neste mesmo lugar a fim de subsidiar o plano de manejo do parque, percebi que a existência de muitas daquelas famílias e suas práticas de subsistência como a agricultura e a criação de animais, modificavam o ambiente, muitas vezes, em desacordo com as práticas consideradas por muitos trabalhos como mais adequadas:

⁶ De acordo com Diegues (1992, p.87) “Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis”.

⁷ Alguns autores como Holling (1995), Berkes e Folkes (2002) se empenharam em estudar as práticas de subsistência de algumas populações indígenas e tradicionais revelando a capacidade de adaptação dos ambientes em que estas intervêm sem comprometer a sua sustentabilidade. Defendem também que tal intervenção proporciona uma reorganização do ambiente que pode vir a trazer inovações positivas como a liberação de nichos que propiciem o desenvolvimento de uma maior variabilidade de espécies e, conseqüentemente, uma variabilidade genética maior que fortalece em vez de desequilibrá-lo.

Em geral, as práticas de cultivo continuam inadequadas e ainda se emprega o fogo na limpeza de áreas (coivara), sendo que alguns agricultores utilizam herbicida no controle de ervas daninhas, e, adubação química em escala muito reduzida. As pastagens ainda ocupam as baixadas, sopés e encostas, em um dos agravantes do manejo tradicional efetuado nessas áreas é que as margens dos córregos são mantidas sem vegetação ciliar (CABRAL, 1999, p. 49).

Não é meu intuito pontuar o que é certo ou errado a respeito das práticas desta população na intenção de educá-los ambientalmente, apenas comento este trecho da pesquisa de Cabral (1999) porque foram estas informações que colocaram em xeque a forma como vinha pensando, o que provocou outras reflexões. Além deste fator, alguns outros também contribuíram com a transformação do meu modo de olhar para aquela população, sendo a principal delas o incômodo com relação ao uso de determinados termos como a “decadência” deste modo de vida, constatada naquela região por estes mesmos estudos já citados.

Esta descaracterização do modo de vida “tradicional” é relatada e justificada a partir de fatores como a decadência da agricultura a partir da década de 70 do século XX e da desestruturação da unidade de produção familiar que obrigaram muitos moradores a buscarem o trabalho assalariado (de vigia e de funcionário público) como complementação de renda. Somado a este fator está a baixa produtividade da terra devido às características de ordem edáficas⁸ e topográficas que, aliadas às limitações de uso e ocupação do solo impostas pelo parque agravaram ainda mais este processo de “descaracterização cultural”.

O conceito de hibridação cultural, desenvolvido por Néstor García Canclini pareceu-me muito produtivo para refletir estes aspectos porque nos impede de cristalizar uma população que, por muitas gerações, permaneceu imutável com os seus costumes e crenças que a caracterizavam como uma “população tradicional”.

Para Canclini (2007), essa noção de hibridação cultural tornou-se muito produtiva para analisar os encontros interculturais. O que considero frutífero na operação deste conceito é sua contribuição para que ocorra uma transformação nos discursos que versam sobre a identidade, a autenticidade e a pureza da cultura. Desse modo a cultura não pode ser pensada como sendo pura ou homogenia e o limiar da identidade é vista em relação com o outro, com a alteridade. Considerar que a população residente no Sertão tenha sido “descaracterizada culturalmente” seria pensar sua cultura como algo estático, desconsiderando o contexto das tantas interconexões que ocorreram e que ainda ocorrem com este grupo de pessoas.

O foto-dispositivo

Como a própria palavra sugere, um dispositivo dispõe algo ou alguém em uma organização peculiar, dentro de uma racionalidade particular (MAKNAMARA, 2012).

⁸ Refere-se aos processos de formação e conservação de solos.

Foucault, autor cuja noção de dispositivo desenvolvida é assumida neste estudo, afirma que:

Através deste termo, tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1999, p. 244).

Deste modo, o conceito remete a tudo aquilo que nos interpela em um momento histórico específico, sendo uma mediação da realidade que nos chega (FRANÇA, 2007). Ainda nas palavras da autora citando Foucault, compreendemos “dispositivo” como sendo:

[...] um regime de fazer ver e fazer falar, curvas de enunciação e curvas de visibilidade [...] Foucault nos faz ver as múltiplas redes em que estamos envolvidos, a que estamos submetidos, e que nos constituem querendo ou não. São as redes que se estabelecem entre discursos, instituições, espaços, técnicas, regras, o dito e o não-dito de uma época específica, produzindo “mundos”, “sujeitos”, “objetos” (FRANÇA, 2007, p.49).

A ação de produzir ou observar fotografias como uma atividade promovida pela Educação Ambiental pode propiciar uma experiência onde o saber de diferentes sujeitos é compartilhado sem a necessidade de produzir um consenso, pelo contrário, deixando que as diferentes visões apareçam e ganhem voz, configurando o ato de fotografar como uma possibilidade de *fazer ver* e *fazer falar* distintas coisas sobre um mesmo tema. Deste modo, parto do pressuposto de que as práticas de Educação Ambiental que fazem emergir alguns dizeres por meio de fotografias têm potencial para produzirem “mundos, sujeitos e objetos”,

Em convergência com estes pensamentos, para esta pesquisa configurei aquilo que denominei de Foto-dispositivo: uma "maquinação", uma lógica, um pensamento, que instituiu condições, regras e limites para que a foto fosse produzida, pensando o ato de fotografar como um agir, uma ativação, que permitisse às pessoas contarem outras narrativas sobre o Sertão do Peri. Deste modo, em minhas idas a campo, propus à várias pessoas que tive contato, a seguinte frase que dispara o Foto-dispositivo: *retrate, em pelo menos seis imagens, o lugar em que vivem e as coisas que nele acontecem.*

Esta era a única regra estipulada para o dispositivo e, sendo assim, foi deixada uma máquina fotográfica comum, munida de pilhas e filme fotossensível para que as pessoas ficassem a vontade para fotografar e que houvesse um momento de interrupção no cotidiano destas, escolhida no calor do momento e não pela pressão da minha presença como pesquisadora. O fato da máquina não ser digital foi proposital, pois assim, por não ter a possibilidade de verificar a fotografia tirada e por ter um número

limitado de possibilidades de fotografar, o “foto-dispositivo” seria um catalisador de *experiência* no sentido de Larrosa, que requereria:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, (...) abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 19).

Apenas três pessoas, das muitas convidadas para participarem da pesquisa aceitaram o convite, porém a recusa de alguns em fotografar não foi interpretada como um empecilho porque me fez apenas duvidar da potência de representação da fotografia para afirmar a sua potência de criação na qual também fiz minha aposta para a análise empreendida neste trabalho.

“Ser tão” outro: inquietações da análise

Há como, ao lidar com narrativas imagéticas, não enclausurar os sentidos? Como não cristalizar as narrativas dos/das moradores/as do Sertão? Como não cristalizar o meu devir narrativo quando escrevo sobre o devir deste outro? Como não transformar as histórias narradas por estas imagens em uma única e repetitiva história já dita?

Enveredando-me por dois caminhos possíveis dentre o universo de possibilidades para a análise de fotografias, empreendi esforços para mostrar algumas das marcações interpretadas nas fotografias tiradas pelos participantes da pesquisa (análise 1), para também arriscar-me na criação de imagens “deslocalizadas”, tiradas deste local de marcação a partir de um processo de criação com as mesmas, que buscou novos sentidos acerca do Sertão do Peri (análise 2). Neste relato irei deter-me apenas nesta segunda análise.

Na tentativa transpor os limites dos dispositivos que nos faz narrar o Sertão de determinados modos, propus o exercício de “deslocar-nos das intenções de identificações dos sentidos e de entrar num movimento de criação de sentidos com as fotografias” (WUNDER, 2008, p.16). Assim como esta autora que me inspirou, busquei, através das composições que lhes apresento a seguir, um dizer por fotografias que proporcionassem sentidos imprevisíveis e desestabilizadores na intensidade deste “Ser tão” outro.

As composições foram criadas a partir do corte, justaposição, super close, alteração das cores e repetição das minhas imagens mescladas às dos participantes da pesquisa. Neste movimento, assim como no projeto *Fabulografias*⁹, busquei “criar a diferença no interior da repetição clichê: o retrato, a pose, e os processos de fixação de identidades pela imagem. Uma mudança que arrasta a fotografia cada vez mais para o

⁹ Para mais informações acessar <http://fabulografias.wordpress.com/>

campo da ficção e da invenção e menos da documentação [...]” (WUNDER; DIAS, 2011, p. 9).

Deste modo, me permiti a criação de novos sentidos que pudessem levar o conceito de “população tradicional” ao seu limite, na intenção de ver aquilo que está silenciado ou em fuga, em estado de ausência, passagem, movimento.

Na primeira composição, o recorte contraposto da criança e da pessoa idosa, o que me toma é a passagem do tempo, a história se movimentando e a possibilidade de reinvenção das identidades nas próximas gerações. Estas identidades no contemporâneo já não se prendem a uma essência ilusória, mas carregam a dinâmica dos valores, lembranças, ausências e desejos que podem conferir novos sentidos em alguns momentos.



O que está silenciado no sertão?
O tempo em
passagem...o
imaterial...A História
movendo-se...



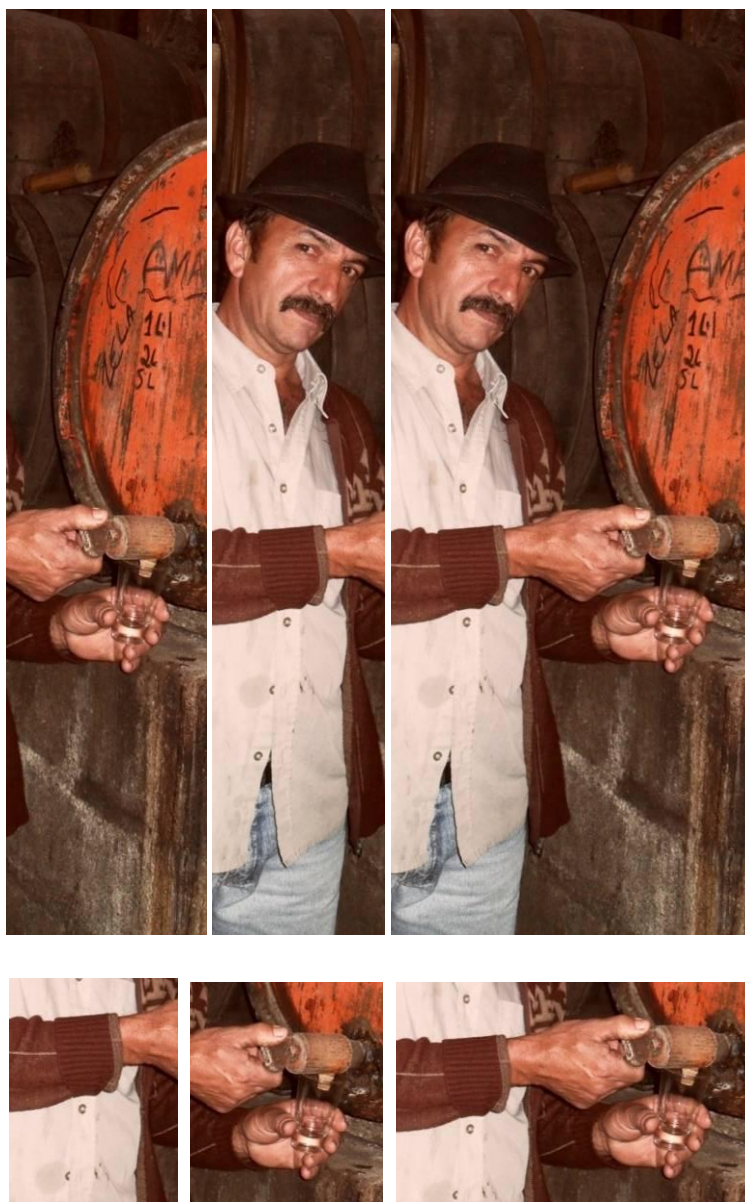
Composição 1

Na mesa farta a família se reúne no galpão em que há tempos era lugar para outro tipo de encontro, para a labuta artesanal da farinha. Resistentes a passagem do tempo, estruturas cilíndricas utilizadas outrora para prensar a farinha, hoje são enfeites e persistem no lugar como uma presença ausente. A serventia destas peças está resignificada; agora são memórias materializadas que nos contam uma história.



Composição 2

E o que dizer das poses? Que pensamentos me pungem quando vejo aquela pessoa tornada objeto a partir do momento que é dado o “click” na máquina? Lembrando-me de Barthes (1984), reflito sobre esta relação da morte causada pela fotografia mesmo quando esta tem a intenção de manter viva a memória daquele ou daquilo que é fotografado: “a fotografia é a morte que o gesto do fotógrafo irá embalsamar” e já “não somos nem sujeito nem objeto, mas sujeitos que se sentem tornar objetos”. Repeti por muitas vezes a mesma pose, recortando e colando, como quem quer levar a pose ao limite na intenção de provocar uma rachadura na fotografia como sendo algo real.



Composição 3

Há também a pose dos objetos quando estes são organizados para a foto. Ajeita-se ali, dobra aqui, coloca aquilo que falta lá e uma história vai sendo tecida assim como as próprias rendas o foram antes de serem estrategicamente posicionadas sobre a cama. E a máquina de costura, que me faz refletir nas questões de gênero na divisão do trabalho, parece contrastar o lento e minucioso labor artesanal da “tradicional” renda de bilro da ilha, com a produção mais veloz proporcionada pela máquina.



Composição 4

Concluindo sem ponto final

[...] pensar num olhar que passa pelos mesmos lugares, paisagens, pessoas dia após dia. Nossos olhares em constante trânsito, miradas em contínuo escape por imagens que não param. Cenas que trazem a força poética que há nessas imagens comuns, onde aparentemente nada acontece. Um convite a pensar nas diferenças que se criam na repetição de imagens comuns. A diferença – acontecimento que se faz pelo banal (WUNDER, 2008, p121.)

Na intervenção das imagens busquei sentidos distintos daqueles que já me atravessaram em outras vivências com o espaço da pesquisa, uma tentativa, enfim, de alcançar a diferença a que se refere a autora citada. E como se faz esta diferença? Amplia, corta, cola, sobrepõe, brincadeiras com o jogo de luz e sombra, envelhecimento com as cores ou com a ausência destas... ficou bom? Não sei!

Na busca múltipla de como trabalhar as fotografias a fim de alcançar a desejada diferença surgiram-me as dúvidas: Que cores do Sertão e do Parque não consigo capturar? E quais tonalidades me perpassam neste movimento? Com quais cores posso manchar a história que será contada pelas composições?

Ao analisar em sua tese o documentário “Janela da Alma”, Wunder (2008) conclui que este filme, capaz de transformar imagens de cenas comuns em fantásticas, não cria a diferença pelo seu tema, mas pela forma poética de filmar e editar:

Acontecimento por imagens de cenas comuns que se dá pela linguagem, uma forma de encontrar, pelo movimento da criação artística, no banal a diferença. Diferença que não é possível dizer se está na coisa ou no nosso olhar, pois está justamente no entre, num resultado comum e indissociável (WUNDER, 2008, p 122).

Estaria esta diferença no olhar daquele que fotografa, daquele que observa, na linguagem que adoto para a escrita da dissertação e no relato desta pesquisa, no “movimento da criação artística” com as imagens? Concordo com a autora quando reflete sobre a impossibilidade de afirmar o “onde” encontrar a diferença, mas arrisco-me em dizer que ela localiza-se “no entre, num resultado comum e indissociável” de todos estes fatores em conjunto.

Manejar o poder mágico de criação de sentidos pelas imagens não é uma tarefa simples e, de acordo com Couto (2005, p.83), significa “desocultar os múltiplos sentidos do acontecido, libertar tudo que poderia ter sido naquilo que simplesmente foi”, doar um outro olhar e apresentar a possibilidade da descoberta dos “fascinantes mundos que tão perto estavam mas que não sabíamos ver”.

Sendo assim, não pretendo concluir este artigo com um ponto final. Em vez disso, deixo uma pergunta como convite ao leitor para retomar o olhar às composições imagéticas e aventurar-se ao exercício de aprender a ver aquilo que não sabemos: que “Ser tão” outro lhe soa ao entrar em contato com estas composições?

Referências bibliográficas:

BATISTA, K. R. *Sertão do Peri: um olhar etnográfico*. Florianópolis (SC): Periódicos da UDESC, 2002. Disponível em:
www.periodicos.udesc.br/percursos/ojs/include/getdoc.php?id=2&article=2&mode=pdf
Acesso em: 09 de abril de 2010.

CABRAL, Luiz Otávio. *Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor*. Florianópolis, 1999. 236 pg. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*. 2ª reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2007.

CASTRO, E. V. *O que pretendemos é desenvolver conexões transversais*. In: Sztutman, R. (org.). Eduardo Viveiros de Castro – encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p. 200-225.

COUTO, M. *Pensatempos: textos de opinião*. 2ª ed. Lisboa: Editor Caminho, 2005. p 85-96.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB/CEC, 2004.

FOLKE, C.; COLDING, J.; BERKES, F. Synthesis: Building resilience and adaptative capacity in social-ecological systems. In: Berkes, F.; Colding, J.; Folke, C. (Orgs.), *Navigating Social-ecological Systems: Building Resilience for Complexity and Change*. Cambridge University Press, Cambridge, 2003, p. 352-387.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRANÇA, A. Ser imagem para outro. In: Ana Sílvia Davi Médola, Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter P. Os (des)caminhos do conceito de natureza no ocidente. In: _____(org.). *Os (des)caminhos do meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 8ª ed. p. 25-36. 2001.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa. (Org.). *Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação*. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 177-186.

GUIMARÃES, B. L. *A natureza na arena cultural*. A página da educação, Porto, n. 155, Ano 15, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4517>>. Acesso em: Nov. 2009.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

MAKNAMARA, Marlécio. 'NEM PARECE O NORDESTE : (des)serviços da educação ambiental ao dispositivo pedagógico da nordestinidade. In: Leandro Belinaso Guimarães; Valdo Barcelos; Ana Maria H. Preve; Julia S. Locatelli. (Org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. 1ed.Santa Cruz do Sul-RS: EDUNISC, 2012, v. , p. 199-212.

PEREIRA, M.A. 2001. *Diagnóstico físico e socioambiental do Parque Municipal da Lagoa do Peri, subsídios ao plano de manejo*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Curso de Pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 243p.

SAMPAIO, S. *A floresta amazônica e seus habitantes: Narrativas sobre populações tradicionais e seus saberes sobre a natureza*. Qualificação (Doutorado em Educação) Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WUNDER, A. ; DIAS, Susana Oliveira . Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões-postais. In: Amorim, Antonio Carlos; Marques, Davina; Dias, Susana Oliveira. (Org.). *Conexões: Deleuze e vida e fabulação e* Petrópolis: De Petrus, 2011, v. , p. 89-102.

WUNDER, A. *Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. 127p.

WUNDER. A. *Fotografias como exercícios de olhar*. In: 29 Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2006, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29 Reunião Anual da ANPED, 2006.

WUNDER. A. *"Encontro de águas" na barra do Ribeira: imagens entre experiências e identidades na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2002. 260p.